

Uma História da Filosofia

12 O Deus de Aristóteles

Por Dr. Arthur Holmes, do Wheaton College

Agora, voltemos nossa atenção, por favor, à concepção de Deus segundo Aristóteles. Abordamos esse tema, como ele próprio faz, após uma discussão sobre sua metafísica, destacando como toda espécie de coisa que existe, todo tipo de processo de mudança ou devir, tem que ser explicado em termos de quatro fatores ou quatro causas. Não apenas a causa material, que é o sujeito da mudança, não apenas a causa eficiente, que exerce a força, mas também a causa formal, a natureza essencial do que está acontecendo, e a causa final, o propósito.

Ora, se isso é verdade para todo processo de mudança e tudo o que existe, também é verdade para todo tipo de movimento dentro do cosmos. Portanto, é verdade não apenas para as mudanças que ocorrem na Terra, mas também para a rotação dos planetas, para as estrelas fixas na periferia do universo, cada uma girando em torno de seu próprio eixo. É verdade, em outras palavras, para o cosmos em sua totalidade, que seu movimento incessante, movimento espacial, movimento espacial circular, girando, girando, deve ter uma explicação causal adequada.

A natureza material da coisa é explicitada em termos de elementos básicos, mais o éter, que preenche o espaço entre o perímetro externo das coisas e os planetas. A causa material está presente. A causa eficiente dentro do cosmos é evidente.

É o movimento dessas estrelas fixas que produz mudanças no éter, que mantém a rotação dos planetas, que mantém as mudanças na atmosfera da Terra, que mantém os processos de mudança na Terra. Portanto, a causa eficiente permeia tudo. Causa formal na natureza das coisas, incluindo a natureza das estrelas fixas, porque é da natureza delas girar.

Se, de alguma forma, essa rotação puder ser não apenas uma potência, um potencial, mas algo que se atualiza, o que mantém essa atualização do movimento do cosmos e, reduzindo-o à causa eficiente mais externa, o movimento das estrelas fixas? O que mantém isso? E você se lembra da conclusão a que ele chega, ou seja, que além do perímetro do universo, existe um motor imóvel. As estrelas fixas se movem. O motor imóvel não se move, mas move coisas que se movem.

Em si mesma, ela não muda, mas é a causa última de todos os tipos de mudança. Em virtude de sua influência sobre essas estrelas fixas, que são a causa externa eficiente de tudo o que acontece no cosmos. Agora, você acompanhou essa linha de raciocínio da última vez? É bem simples de entender.

Mas quando você compreende a visão dele do universo geocêntrico, com os planetas girando ao redor da Terra, certo, e as estrelas fixas na periferia, cada uma girando em seu próprio eixo e muito além do motor imóvel, tudo o mais se move, exceto o motor imóvel. Nenhuma mudança, nenhuma força atuando sobre ele.

Então, esse é o quadro que ele está desenvolvendo. E no restante do livro 12 da Metafísica, capítulo 6 e seguintes, ele aborda um ou outro aspecto desse quadro. Já foram feitas diversas análises literárias sobre a composição do livro 12.

Foi tudo escrito de uma vez? É uma coletânea de textos reunidos? É genuinamente aristotélico? Sabe, o tipo de coisa que a crítica literária faz. Bem, tudo isso já foi discutido em relação ao livro 12. Mas existe, pelo menos, a imagem que foi transmitida como sendo de Aristóteles, e eu tendo a acreditar que seja mesmo.

Há muito mais testemunho unificado nos manuscritos e versões de que se trata de uma obra de Aristóteles do que em grande parte da literatura antiga. Mas no capítulo 6, páginas 373 e 374 da Antologia de Kaufman, ele se detém nessa afirmação de que esse Deus é o Motor Imóvel. E disso extrai uma implicação adicional de que o motor imóvel é a própria realidade.

Agora, você já está familiarizado o suficiente com os termos potencialidade e atualidade para entender a força disso. Para Aristóteles, toda mudança é a concretização de alguma potencialidade. É a concretização de alguma potencialidade.

Eu estou potencialmente aqui, e agora estou concretizando esse potencial. Eu estou potencialmente de volta ao púlpito, e agora estou concretizando esse potencial. Todo processo de mudança é a concretização de algum potencial que a coisa possui.

Mas dizer que Deus é pura atualidade é dizer que não existe potencial não atualizado. Entende? Não existe potencial não atualizado. Não há mudança possível em Deus.

Não há mudança possível. A fonte última da mudança, imóvel, inalterável e imutável. O motor imóvel, a pura realidade.

Isso é crucial. Por que ele seguiria esse caminho? Bem, acho que um dos propósitos é que, quando você olha para o futuro, sempre ajuda ler a última página, o último capítulo de um romance. Quando você olha para frente e vê aonde ele vai chegar, percebe que esse Deus é totalmente bom.

E se tudo é perfeito, então não há espaço para melhorias. E se tudo é perfeito, então não pioraria. Então, como poderia haver mudança, entende? Então, se você olhar

para o futuro, certo, como na concepção platônica do bem, a mudança, nesse sentido, não é possível.

Mas, mais importante ainda, creio eu, isso remete ao fato de que, nesse argumento sobre a natureza do cosmos, ele está tentando explicar o processo eterno, imutável, de mudança que dura eras. Lembre-se de que, em termos de diferentes tipos de locomoção — linear, retilínea, circular —, existe apenas um processo imutável de locomoção: a locomoção circular, que não tem começo nem fim. Não há ponto de inflexão onde você precise parar e virar.

Mas é uma locomoção circular perpétua que caracteriza os planetas e as estrelas fixas. Portanto, você quer algo como causa última daquilo que tenha uma natureza imutável. E ter uma natureza completamente imutável significa que a coisa tem que ser ou nada, sem sequer potencialidade, ou então pura atualidade.

Atualidade pura, sem potencial não atualizado, de modo que nenhuma mudança é possível. Ora, Platão, naturalmente, via suas formas transcendentais como imunes a toda mudança possível, eternas, assim como a forma do bem. Aristóteles, sim, tem a forma do bem .

Mas essa noção de um Deus além de qualquer processo de mudança está profundamente enraizada em Platão e Aristóteles. É mesmo? Talvez eu esteja entendendo mal o conceito de atualidade, porque parece que, se Deus é plenamente atualizado, então ele deve ter vindo de algum lugar, se desenvolvido até se tornar plenamente atualizado... Não, não entendi. É, você percebe que ele diz "imóvel", o que significa que também não houve nenhum processo de movimento.

Então, o eterno é aquele que sempre foi o que é. Ok, pura realidade. Sim.

Certo? Nesse sentido, você disse que ele ou não é nada ou é a pura realidade. É a mesma coisa, mais ou menos? Ele ou não é nada ou é tudo. Sim, ou é perfeito ou não é nada. Certo.

Sim. Então, essa é uma ideia panteísta, de que ele é tudo? Não necessariamente. Alguém perguntou na última aula, depois da aula, ou foi antes, se Aristóteles era panteísta. Ao ler o livro 12 da Metafísica, percebe-se que não, parece que o motor imóvel é um ser transcendente, mas a perfeição do ser.

Mas digo isso com hesitação porque em De Anima, sobre a alma, ele fala de uma alma racional, não apenas de almas racionais individuais, mas fala como se houvesse alguma alma racional cósmica. Como Anaxágoras, laço, mente, razão. Ora, se ele pretende identificar isso com o motor imóvel, você entende aonde ele quer chegar? Pareceria que se trata ou de uma alma platônica do mundo ou então do motor imóvel, e talvez seja essa última opção.

Mas ele nunca estabelece, em nenhuma das obras literárias que sobreviveram, qualquer conexão entre os dois. Isso nos deixa sem resposta. Mas, pelo menos, sua influência sobre aqueles que seguiram a tradição aristotélica foi mais em direções teístas e deístas do que panteístas.

Dito isso, Kristen, observe que esse deus de Aristóteles não é realmente um criador. Ele não é um criador, pelo menos não no sentido judaico-cristão, em que o ato da criação traz as coisas à existência. Ele cria do nada coisas que já existem.

Ele dá existência às coisas. Ora, esse não é o caso do deus de Aristóteles. Ele é muito explícito e desenvolve isso no capítulo 7, creio eu, ou talvez no capítulo 8, capítulo 7, que esse deus não é uma causa eficiente, não exerce poder, não exerce força, não é a causa eficiente motriz de nada, entende?

Não impõe nada. Não força a existência das coisas. E assim por diante.

Na verdade, ele não precisa. Porque o cosmos, ou pelo menos a matéria que o compõe, sempre existiu. Para os gregos, os elementos materiais eram eternos, perpétuos.

Sempre foram. E Aristóteles dá a impressão de que o cosmos e sua estrutura geral são eternos. Afinal, essas estrelas fixas têm movimento linear eterno.

Eterno, eterno, sempre foi, sempre será. Veja bem. As noções de eterno e perpétuo são praticamente as mesmas para Aristóteles.

Portanto, tudo o que você precisa neste deus é de alguém em virtude de quem o movimento continua. Continua incessantemente. Esta locomoção circular eterna.

Ora, se pensarmos em termos da física moderna, em virtude do princípio da inércia, isso dificilmente seria necessário. Os corpos permanecem em estado de movimento ou repouso, que são os seus estados naturais. Mas não na física grega, entende? Onde a mudança é vista como algo artificial.

O movimento é algo que precisa ser produzido e mantido. E, portanto, é necessário um ser para manter esse movimento eterno. Mas não como uma causa eficiente.

Por que não? Bem, mais um motivo. Para agir como uma causa eficaz, você precisa fazer algo. Exercer força.

E ao exercer força, você passa por um processo de mudança. Uma mudança de não exercer força para exercer força. E se não houver mudança, não pode haver exercício de força.

Então, não há causa eficiente. Como ele vai explicar isso? Bem, a resposta é, claro, em termos de causa final. Deus é a causa final, mas não a causa eficiente.

E ele é muito explícito sobre isso. Deus é a causa final, não a causa eficiente. De modo que a própria natureza desse motor imóvel é tão surpreendente, tão maravilhosa, que as coisas são movidas pela admiração.

Repare que a palavra "maravilhoso" te envolve e te faz ficar admirado. Ah, ele usa não só a palavra "maravilha", mas também a palavra "amor". O movimento é movido pelo amor.

O desejo de ser como isso. Essa é a ideia de Grigero, entende? Ao querer ser tão realizado quanto isso, você continua a realizar o movimento.

E para falar do amor das estrelas, ele precisa atribuir às estrelas algo que seja mais do que mera matéria inerte. Afinal, entre os gregos, há apenas uma pessoa como Demócrito, o atomista, que considerava a matéria inerte. Os demais, de uma forma ou de outra, parecem ter concordado com Tales que o mundo é inerte, vivo, entende?

Uma concepção muito mais orgânica, por assim dizer. Um cosmos vivo. E assim as almas das estrelas fixas são movidas a querer ser assim, o que as deixa maravilhadas.

Agora, se ele quer dizer que as almas das estrelas fixas são conscientes, é outra questão. Afinal, muitos seres vivos se movem sem ter consciência disso. Como é que os bulbos de narciso sabiam quando produzir seus narcisos? Enterrados na terra como estão.

Bem, se quiser, ele vê algo análogo a isso. E assim as estrelas mantêm seu movimento. E Deus é simplesmente a causa final.

Agora, há um corolário adicional que precisa ser traçado. E ele faz isso no capítulo 9. Este é o capítulo 6. Deixe-me ver, estou entendendo direito? Capítulo 6, Capítulo 7. Vejamos, vejamos. Sim, o 6 é pura realidade.

O capítulo 7 é a causa final, desculpe. Vamos esclarecer isso. Capítulo 6, Capítulo 7, Capítulo 9. O Capítulo 8 simplesmente traz os detalhes da cosmologia, das estrelas fixas e assim por diante.

Mas capítulo 9. Bem, se esse ser divino é pura atualidade, esse motor imóvel, essa causa final, não precisa fazer nada, como você vai caracterizar a sua atualidade? E a descrição dele é simplesmente que ele não faz nada além de pensar sobre o seu próprio pensamento. Ora, você sabe o que é pensar por si mesmo. Refletir,

ponderar, pensar sobre os seus próprios pensamentos, meditar sobre eles, apreciá-los, e assim por diante.

Mas por que apenas isso? Bem, pela simples razão de que, se esse motor imóvel recebesse informações perceptivas ou qualquer outro tipo de informação externa em seu pensamento, ele seria movido por esses estímulos externos a pensar certas coisas. E sendo um motor imóvel, pura atualidade, não há nada que não tenha sido atualizado ou que não possa ser atualizado. Portanto, não há nenhuma informação externa em seu pensamento.

Ele não vê o pardal cair. E assim por diante. E se ele estivesse criando ideias totalmente novas, imaginando mundos fantásticos, então haveria uma atividade acontecendo que nunca havia acontecido antes.

Entende ? Também haveria potencial não realizado envolvido aí. Portanto, a única atividade mental que o motor imóvel pode ter é a autoconsciência. Reflexão sobre seus próprios pensamentos.

Pensando sobre seus próprios pensamentos. Ele já conhece seus próprios pensamentos o tempo todo, de qualquer forma. Não encontra nada de novo neles.

Mas pensando sobre o próprio pensamento. Ora, um ser assim, em quem não há possibilidade de estar irrealizado, é perfeitamente bom. Perfeitamente bom.

Porque o bem para qualquer ser é a concretização do seu potencial. Para um cão ser bom, ele precisa ser o melhor cão que puder ser. Ele é o tipo de cão que é em virtude do seu potencial.

É isso. Para ser um bom aluno, você precisa desenvolver todo o seu potencial acadêmico, sendo o tipo de pessoa que você é. A realização do seu potencial é o seu bem maior.

Assim, para aquele que é pura realidade, existe pura bondade. Sem imperfeições. Sem rugas.

Sem carência. Sem privação de ser bom. E assim se chega ao Deus de Aristóteles.

Se quiser, este é um exemplo clássico de uma tentativa inicial do que chamamos de teologia natural. Uma teologia baseada em inferências a partir do que sabemos sobre a natureza.

Sim. E fornece a estrutura básica dentro da qual grande parte da teologia judaico-cristã, islâmica e natural posterior se desenvolveu. Como veremos quando chegarmos a Tomás de Aquino, seus argumentos clássicos para a existência de Deus.

Trabalhe com esse tipo de esquema. Modificado para se adequar a uma doutrina da criação. Mas a teologia natural que Tomás de Aquino segue é o mesmo tipo de pensamento que se encontra aqui.

Bem, perguntas? Comentários? Sim. Bob. Como uma pessoa se realiza plenamente? É possível se tornar como Deus? Sim, quero abordar sua ética em breve.

Mas certamente a autorrealização do ser humano se dá à semelhança de Deus. A atividade mais elevada em que podemos nos engajar, segundo Aristóteles, é a contemplação de Deus. Sim.

Então você está no caminho certo ao perceber as inferências que podem ser feitas. E aqueles bulbos de flores de que você estava falando ? Para se concretizarem, não precisariam ter alguma forma de conhecer o motor imóvel? Quero dizer, no íntimo, para fazerem parte da sensação de admiração. É, não é uma boa analogia.

É couve, não é? A analogia dos bulbos não é perfeita. O objetivo da analogia, como a usei, era dizer que os bulbos são inconscientes. Mesmo assim, de alguma forma, eles reagem.

Essa é a minha pergunta. O que Aristóteles diria, quero dizer, se a alma de um objeto interno, como um bulbo ou um caule, não é consciente, então por qual virtude ela se maravilha? Sim, bem, ele quer dizer maravilha consciente? Entende ? Ele quer dizer amor consciente? Querer consciente, desejar? Ou ele simplesmente quer dizer que existe uma tendência natural? Entende ? Uma tendência natural para algum tipo de atividade inerente a essas coisas. Ele é muito explícito ao dizer que não é preciso atribuir consciência a todos os processos teleológicos.

A teleologia está orientada para as causas finais. Não. Ele insiste igualmente nisso na seção sobre a natureza da física que você estava lendo.

Ele insiste igualmente que causas finais operam em todos os processos naturais. Há alguma consciência nos humanos e, em certa medida, nos animais, mas, de resto, inconsciente. Mas ainda assim existem causas finais.

Por quê? Bem, a causa final é intrínseca à coisa. Devido à sua natureza, à sua forma, entende, ela vem carregada com esse potencial. Com essa tendência, esse impulso.

Entende ? Lembra-se da imagem no Timeu que Platão apresenta de Deus dando corda ao universo? Deixando-o funcionar, e ele meio que se esgota? Bem, é como se Aristóteles estivesse dizendo que ele nunca precisou ser dado corda. Mas ele nunca se esgota porque Deus continua a exercer algum tipo de atração magnética.

Entende ? Tipo, para mantê-lo, não é preciso usar força? Não, não se o processo

natural tiver força suficiente em si mesmo, a qual, devidamente atualizada e direcionada, produz os benefícios.

Tudo que você precisa fazer é liberar isso. David? O Deus de Aristóteles é um Deus bom no sentido em que usamos a palavra "bom" como adjetivo? Ou é um "Bom" com "B" maiúsculo? Sim, ele o usa como adjetivo, como Platão fez, bem como substantivo. Talvez sua pergunta seja se isso significa algum tipo de perfeição metafísica.

Ou será que significa perfeição moral? Entende a diferença? Perfeição metafísica, o tipo de ser mais perfeito que existe. Compreende? Bem, certamente ele se refere à primeira, a metafísica.

E pela forma como ele fala no capítulo 10 e em mais um ou dois trechos de seus escritos, acho que ele se refere à segunda, a moral. Acho que ele se refere à segunda. Eu costumava criticar a visão de Deus de Aristóteles dizendo que o conceito de Deus tem várias funções.

Possui uma função metafísica ao fundamentar ou completar um esquema metafísico. E o Deus de Aristóteles certamente cumpre essa função. O conceito de Deus também possui uma função moral, ao incorporar o ideal do que é ser moralmente bom.

Bom por natureza, por caráter, por ação. E Aristóteles diz o suficiente para que eu acredite que ele esteja implícito nisso. De fato, todos os gregos parecem pensar que aquilo que é metafisicamente bom é, por definição, moralmente bom, se o valor moral estiver fundamentado no metafísico.

Ora, a outra função que o conceito de Deus tem, naturalmente, é a de objeto de adoração religiosa. Um objeto de devoção religiosa. E eu costumava criticar Aristóteles dizendo que o Deus dele não era objeto de devoção religiosa.

Mas, nos últimos dois ou três anos, enquanto relia Aristóteles, acho que isso não está certo. Veja o termo admiração, amor, desejo de ser como, e o conceito de imitação de Deus está presente. Dizer que a contemplação de Deus é nossa atividade mais elevada soa muito como linguagem religiosa.

E em um trecho de sua obra política, ele afirma que o governo deveria apoiar os templos religiosos. Financiá-los. Como se a religião, que apoia o bem moral, fosse do interesse do Estado, cuja função é alcançar uma vida boa, que é moralmente boa, e a religião, segundo Aristóteles, contribui para isso.

Então, sim, acho que o Deus de Aristóteles, como apresentado na metafísica, obviamente desempenha uma função metafísica primordial, mas ainda possui, em

seu pensamento, uma função moral e religiosa. Portanto, tive que mudar de ideia sobre isso. Uma coisa que me incomoda nesse Deus motor imóvel.

Ele parece quase fútil e tolo, por ficar sentado pensando sobre seus próprios pensamentos. E parece que talvez ele, e talvez isso se deva ao fato de eu ter sido criado em uma época diferente, não tenha qualquer fundamento ou razão para virtudes românticas. Paixão e amor.

É, não sei se "bobo" é a palavra certa. Distante, indiferente, despreocupado. Sabe, Deus te ama e tem um plano maravilhoso para a sua vida.

Não, não existem quatro leis espirituais em Aristóteles. Não, nada disso. Suponho que você queira dizer impessoal, no sentido de não envolver envolvimento pessoal.

Embora, se o pensamento consciente e o caráter moral forem essenciais para definir a personalidade, então parece que o Deus de Aristóteles, pela forma como ele fala, poderia ser pessoal nesse sentido. Mas ele está muito longe do Deus de Abraão, Isaque e Jacó. E muito longe do Deus encarnado em Jesus Cristo.

Amar e doar a si mesmo. Ah, sim, muito, muito longe disso. Como costuma acontecer com o Deus da teologia natural.

Afinal, se você está tentando derivar algum tipo de compreensão de Deus a partir do que sabe da ordem natural, o que Romanos 1 nos diz que podemos saber, seu poder eterno e sua divindade? Certamente, há limites para isso. E a maioria das pessoas que tentam fazer teologia natural diz que há muito, muito mais sobre Deus que precisa vir da religião revelada. A questão é que Aristóteles não estava satisfeito com as religiões de sua época.

Sim? Quando você falou sobre o Deus dos cinco, a experiência dos cinco, sim, você está certíssimo. Veja bem, o que acontece no desenvolvimento do pensamento nos próximos mil anos? Bem, nos próximos dois ou três, ou melhor, 500 anos, dentro do período de 500 anos de Aristóteles, é que essa questão de como relacionar o mundo dos ideais eternos, sejam as formas de Platão ou o Deus de Aristóteles, com o mundo natural, com o que somos e o que fazemos, essa questão se torna crucial. Entende? Uma coisa é dizer que existem padrões eternos a serem imitados, até mesmo um Deus a ser imitado.

Mas onde se manifesta o poder no mundo natural ou no mundo humano, na história, na vida humana? Bem, o que abriu essa possibilidade de forma extraordinária foi a chegada ao pensamento grego da concepção judaico-cristã de Deus como criador todo-poderoso. Ora, o Credo dos Apóstolos é uma das primeiras confissões cristãs. Creio em Deus Pai, criador todo-poderoso.

Ora, nenhum grego poderia dizer isso. Nem Platão. Todo-Poderoso? Criador? É, demiurgo.

Mas todo-poderoso? Entende ? Não, logo de cara, a primeira linha do Credo dos Apóstolos afirma que Deus é a causa eficiente da criação. Entende ? Nossa, isso foi revolucionário! Entende ? Bem, teremos que falar sobre isso mais adiante. Terá implicações profundas para todos os outros tópicos.

Isso gera conflitos de visões de mundo nos tempos patrísticos. Naturalismo, dualismo, panteísmo, teísmo judaico-cristão. Sim.

Certo. Uma pessoa que é muito aristotélica hoje em dia, e que escreveu bastante sobre Aristóteles, é um homem chamado Henry Veitch, que lecionou por muitos anos na Universidade de Indiana, depois em Georgetown, e agora está aposentado. Uma pessoa encantadora.

Ele é cristão, uma pessoa muito bondosa. Mas, ao falar sobre o Deus de Aristóteles, ele ressalta que Aristóteles está nos dizendo que o homem não é a medida de todas as coisas. Deuses.

E eu acho que só alguém como um cristão consegue enxergar isso e dizer com tanta franqueza. É, se você se lembra do sofista que disse que o homem é a medida de todas as coisas. Não, Aristóteles está dizendo claramente que não é.

Deus existe. E ele está dizendo que o fim mais importante pelo qual fazemos as coisas não é o nosso próprio benefício, porque não somos as coisas mais importantes do universo. Isso nos leva às implicações éticas, mas o objetivo supremo do homem não é a sua autorrealização.

Embora na realidade, em relação a Deus, possa haver realização pessoal. Mas Deus é o nosso fim supremo. Sim, bem, Aristóteles enxerga essa direção.

Bem, vejamos. Quero agora passar da metafísica de Aristóteles, incluindo sua teologia natural, para analisar sua lógica e epistemologia. E isso será relativamente breve, mas acho que é muito, muito importante.

A título de preâmbulo, permitam-me salientar o seguinte: os escritos de Aristóteles sobre lógica e epistemologia foram reunidos por seus comentadores e alunos após sua morte, sob a rubrica geral de Organon, que significa simplesmente método. Certo. E dentro do Organon, encontramos uma grande variedade de obras.

Um chamado As categorias . Outra sobre interpretação. Outra, a análise prévia.

Outra, a Analítica Posterior . Mais uma, os Tópicos. E, finalmente, as Refutações Sofísticas.

Bem, em nossa antologia temos um pouco de cada uma das Categorias e um pouco da Análise Posterior . Mas deixe-me indicar o tema geral de cada uma, para que você possa ter uma ideia da amplitude do seu trabalho.

As categorias tratam da maneira como os termos, as palavras e as expressões funcionam em nosso pensamento. Voltarei a isso daqui a pouco. A Interpretação trata da lógica das proposições.

Não termos, mas proposições. E como você já deve saber , uma proposição é algo que afirma ou nega algo. Uma proposição tem a forma S é P ou não é P, sujeito, predicado, unidos por uma cópula.

Predicar algo de um sujeito. Então ele está falando sobre a lógica das proposições em nossa interpretação. Os Analíticos Anteriores vão um passo além e falam da lógica dos silogismos.

Um silogismo é composto, naturalmente, de proposições. Assim como as proposições são compostas de termos. Entende?

Normalmente, um silogismo tem uma premissa maior, uma premissa menor e uma conclusão. A partir da relação lógica da qual se deduz a conclusão, chega-se a uma proposição. Assim, ele está desenvolvendo seu esquema lógico, seu sistema lógico, que perdura desde aquele dia até hoje.

A lógica aristotélica ainda é a lógica básica ensinada nos cursos de lógica e está na base de muitos desenvolvimentos lógicos posteriores. Nos Analíticos Posteriores , ele aborda o que chama de raciocínio científico.

É assim que chegamos à nossa primeira premissa . Como podemos saber se nossas primeiras premissas, as premissas básicas, são verdadeiras? Isso é muito, muito importante.

Nos Tópicos, ele fala sobre dialética. Trata-se de uma obra anterior, escrita antes de ele descobrir o silogismo. Mas aborda tipos de argumentos dialéticos, valiosos para debates , e assim por diante.

Usado na retórica. E as Refutações Sofísticas tratam das falácias lógicas que os sofistas, segundo ele, cometem deliberadamente. No que eles estão fazendo.

Então, na verdade, você tem no Organon um livro didático de lógica completo. E se não fosse tão tediosamente escrito, ou melhor, tediosamente lido, provavelmente

seria um ótimo livro didático de lógica. E muitos livros introdutórios de lógica têm exatamente esse tipo de estrutura de capítulo.

Ou algo muito parecido. Agora, gostaria de dizer algumas palavras sobre as categorias. Porque já nos referimos a isso antes, e você tem uma seleção das categorias na página 282.

Por cerca de cinco páginas. E há um trecho que quero que você leia com atenção. Na verdade, é a seção de abertura.

Seleção. Nos materiais de Aristóteles. E você deveria me agradecer por não ter começado nossa discussão sobre Aristóteles com isso.

Imagino que você teria ficado frustrado, se perguntando por que diabos isso era importante. Talvez entediado. E assim por diante.

A metafísica é muito mais envolvente. Mas, nas categorias, há várias coisas que quero que você observe. Uma delas é a maneira como ele usa termos como espécies, gêneros e diferenciais.

Hoje em dia, existem termos padronizados. Mas foi Aristóteles quem introduziu esse tipo de classificação das coisas em espécies. Classificação das espécies em gêneros maiores.

Gênero singular. E famílias e grupos maiores, e assim por diante. Portanto, este é simplesmente o seu método de classificação.

O termo "differentia" refere-se às propriedades essenciais que diferenciam uma espécie de outra, ou seja, que diferenciam um gênero de outro. Portanto, quando Aristóteles se refere aos seres humanos como animais racionais ou animais sociais, ele se refere a ambos.

Dentro do gênero animal, o que diferencia a espécie humana é a racionalidade e a sociabilidade. Essas são as diferenças. O que diferencia a espécie humana das outras espécies animais?

Essa é a terminologia dele. E você verá que essa terminologia é importante quando ele começa a perguntar como sabemos as verdadeiras primeiras premissas. Porque, a menos que você saiba a verdade sobre algum gênero ou espécie, você não pode inferir absolutamente nada sobre qualquer outra coisa nesse gênero ou espécie.

Entende ? Como você pode argumentar sobre o ser sem saber algo sobre a natureza do ser? Como você pode argumentar sobre os seres humanos e o que é bom para eles, moralmente, sem saber algo sobre a diferenciação dos seres humanos? O que

os torna humanos? Entende ? Então , para... Para obter as premissas de que precisa, ele precisa chegar à essência, à natureza , dos tipos de coisas que vai discutir. Essa é a primeira coisa. Em segundo lugar, no Capítulo 4, na página 283, ele retoma as várias categorias que encontramos inicialmente na metafísica como categorias do ser.

Só aqui elas são apresentadas como categorias de pensamento. E ele fornece muito claramente a lista que deseja na página 283, Capítulo 4, de coisas ditas sem combinação, apenas por si mesmas como termos. Cada uma significa uma delas; qualquer palavra vai significar uma dessas.

Substância, qualidade, qualificação, relação, relatividade, lugar , momento, posição, posse, ação ou ser afetado. Essas são as categorias de Aristóteles. E o ponto dele é que, no raciocínio lógico, não se muda de uma categoria para outra no meio de uma discussão.

Entende ? No século XX, alguns filósofos britânicos, na década de 1950, começaram a acusar as pessoas de cometerem erros de categoria. Um erro de categoria ocorre quando, no meio de uma discussão, você muda de categoria. O exemplo clássico foi quando Gilbert Ryle chamou o dualismo mente-corpo de Descartes, duas entidades, mente e corpo, de erro de categoria.

O corpo, obviamente, é uma substância. Essa é a categoria correta. Mas falar da mente como uma substância, uma coisa, em vez de simplesmente uma qualidade ou uma função, é um erro categorial.

Assim, todo o problema mente-corpo surge de um erro de categoria, segundo Gilbert Ryle. Aristóteles se preocupava com o fato de que, em uma cadeia argumentativa, os termos deveriam manter seus significados, em vez de serem trocados e gerar ambiguidade. Alguns de vocês já ouviram meu exemplo favorito disso.

Funciona assim: eu te amo, logo sou um amante. Todo mundo ama um amante.

Você é tudo para mim; você me ama. Agora, pessoal, isso não funciona, nem logicamente nem de qualquer outra forma. Mas reparem na falácia da equivocação, o uso de uma palavra com dois sentidos diferentes, que está presente na expressão, e ela funciona como uma única expressão: "tudo para mim".

Todo mundo ama um(a) amante, generalização empírica. Você é tudo para mim, juízo de valor. Certo? O segundo é um termo de valor.

O primeiro é um termo de substância. Erro de categoria. Entendeu? Categorias confusas.

Esse é exatamente o tipo de erro que ele quer evitar, ao apontar que, para que o termo médio em um silogismo, a ligação entre as proposições, se mantenha firme, ele precisa significar a mesma coisa nas duas vezes. Não se pode mudar de categoria. Portanto, introduzir essas categorias faz parte do seu aparato lógico.

Então, no capítulo cinco, ele retoma os dois sentidos da palavra substância. Lembra disso? Substância primária e substância secundária. E, caso você tenha se esquecido desde a semana passada, substâncias primárias são particulares, substâncias secundárias são formas.

Então ele está fazendo esse tipo de coisa, estabelecendo e elaborando essa distinção entre substâncias primárias e secundárias no material que temos das categorias. Agora, o que eu realmente quero focar é na análise posterior. E isso é muito importante.

Mais importante ainda. Deixe-me repetir brevemente e depois retomaremos o assunto na próxima vez. O problema que ele enfrenta é como podemos ter certeza de verdades imutáveis. Verdades imutáveis sobre classes de coisas, verdades gerais.

Ora, obviamente, se você quiser saber alguma verdade geral sobre uma espécie, o que você precisa fazer é conhecer algo sobre a natureza essencial dessa espécie. Sua diferença. Sua essência.

É a forma. Então a questão, na verdade, é: como você pode conhecer as formas? Como você pode conhecer as formas? Porque você quer que suas premissas sejam sobre as formas. A natureza essencial de algo.

Para que possamos chegar a outras conclusões com igual certeza, ele pondera as possibilidades. Podemos conhecer as formas simplesmente pela observação sensorial? Não, por quê? Sim, a observação sensorial nos fornece apenas detalhes, e a percepção sensorial desses detalhes é relativa ao ângulo de visão e a inúmeras outras considerações.

Então, a observação sensorial não revela as formas. E quanto ao conhecimento inato? A proposta de Platão. Bem, veja bem, essa era uma boa opção para Platão.

Boa reflexão, Platão. Porque se as formas são transcendentais e você as conhecia em outro reino, em uma existência anterior, de modo que a memória delas esteja oculta em seu subconsciente, então elas são inatas. Boa reflexão, Platão.

Mas Aristóteles não considera as formas transcendentais e não acredita que você tivesse uma existência prévia ao conhecê-las. Portanto, o conhecimento inato de Platão não ajuda. Se fossem inatos, esperaríamos que as pessoas as conhecessem, mas não as conhecem.

Então, como podemos conhecer essas formas?